

RACISMO ALGORÍTMICO: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DISCRIMINAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Anderson Fontes da Silva¹

SILVA, Tarcízio. In: **Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

O texto de um deputado estadunidense incentivando a caça e a morte de muçulmanos depois de um ataque terrorista em Londres, ocorrido em 7 de junho de 2005, é mantido no ar em uma rede social de grande alcance. Por outro lado, a fala de Didi Delgado, ativista do Black Lives Matter, na qual afirmava: “todas as pessoas brancas são racistas”, não apenas é retirada do ar, mas seu perfil na rede social é suspenso. Como explicar tal fato?

Vivemos em um mundo no qual os sistemas algorítmicos a cada dia tomam mais decisões por nós e sobre nós, um mundo no qual existe de fato um aprendizado das máquinas que vai além do que entendemos por automação, máquinas que não apenas estão neste mundo, mas que o fazem. Como pensar tal mundo? Essas são algumas questões apresentadas por Tarcízio Silva em sua obra intitulada “*Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*”, publicada em 2022, cujo abordagem retrata a internet e as mídias sociais hoje imersas no cotidiano e no espaço público.

O livro é o sexto título da coleção Democracia Digital, organizada pelo sociólogo Sérgio Amadeu da Silveira, todos lançados exclusivamente em formato *e-book*, possibilitando um maior alcance, inclusive pelo valor mais acessível, algo a ser destacado se tratando de democratização digital e de estudos em torno da temática sociedade e tecnologia, mas sua importância vai além. Ao compor uma mesa de debates, organizada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em novembro de 2021, Tarcízio Silva destacou a relevância dessa coleção, ao dizer que, por tratar-se da primeira coleção em português tendo como tema raça, internet e tecnologia, ao passo em que

¹ Discente de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Mestre em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: dido.fs@gmail.com.

somos um país negro e historicamente marcado por fingir uma democracia racial, enquanto países como Estados Unidos da América (EUA) já avançaram com esse debate.

Inicialmente, a obra é apresentada pelo então diretor do Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc /SP), Danilo Santos de Miranda, responsável pela edição da coletânea. A partir da apresentação já é possível ter uma ideia do que o leitor encontrará nas páginas seguintes, destacando a linguagem clara e direta com a qual são expostos os temas, sempre presentes nos fóruns sociais, como liberdade, direitos humanos, igualdade social, censura, gênero e raça.

Em seguida, o prefácio, escrito por Sérgio Amadeu da Silva, exalta a qualidade da obra e destaca Tarcizio Silva como pesquisador rigoroso e ousado, mas é o questionamento prefacial que instiga a continuidade da leitura: “A democracia pode conviver com os ataques tecnopolíticos a grupos racializados?”

No primeiro de seis capítulos, intitulado: “Discursos racistas nas redes sociais”, Tarcizio refuta a visão míope construída em torno da noção de descorporificação online, desde os anos 1990, responsável pela negação do racismo estrutural. A partir de casos amplamente conhecidos de ataques racistas em mídias sociais, como o da atriz Taís Araújo e da jornalista Maria Júlia Coutinho, articulações importantes são construídas entre questões locais e globais, trazendo à baila conceitos importantes como “bolha online”, “*all right*” e “desinformação estratégica”, para levar o leitor a compreender a apropriação da internet pela supremacia branca ligada a grupos de ódio como *Ku Klus Klan* e *Stormfront*.

Em “O que as máquinas aprendem?”, segundo capítulo, o autor inicia um debate com o objetivo de diferenciar inteligência artificial geral e inteligência artificial estreita, abordagem que vai acompanhar suas reflexões ao longo da obra. Faz isso caminhando pelas tradições da Inteligência Artificial (IA), começando pela simbólico-dedutiva, para a qual IA se define como emulação de sistemas físicos de símbolos processados por cérebros humanos em “um mundo finito e sistemático” e, portanto, limitado, como em um jogo virtual de xadrez.

É pela tradição conexionista-indutiva, no entanto, que Tarcizio aborda o conceito de aprendizagem das máquinas e nos programas de aprendizado guardados pelas empresas como “segredos de negócios”, invioláveis, mas que “são capazes de fazer mundos e não apenas estarem no mundo”. Na leitura conexionista-indutiva, IA é entendida a partir da aplicação à grandes escalas de dados, na qual há uma evolução contínua através do aprendizado e da adaptação, possíveis a partir da entrada e saída massiva de dados, permitindo, por exemplo, o sistema de recomendação de vídeos no canal do *Youtube*, como exemplifica o autor.

No terceiro capítulo, intitulado “Visibilidades algorítmicas diferenciais”, o foco é desconstruir o mito da neutralidade da tecnologia como um sistema de identificação de rostos.

Desde o lúdico de um *smartphone* passando até pelas mais complexas tecnológicas carcerárias precisam ser compreendidas como reinvenção contemporânea de um projeto colonial que associa beleza e inteligência à branquitude. A visão computacional é construída a partir de prioridades definidas por relações étnico raciais, a exemplo da “pornificação da identidade negra” nos gigantes buscadores como *Google* e na fama alcançada por aplicativos como *Faceapp* e sua proposta de embranquecimento dos rostos.

Necropolítica algorítmica é o tema do quarto capítulo. O que há em comum entre os assassinatos do menino Marcus Vinícius, de 14 anos, morto por policiais no Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro, enquanto carregava a mochila escolar, e de Tami Rice, 12 anos, morto por policiais nos EUA, em 2015, por portar uma arma de brinquedo em um parque público? O que existem em comum entre o tecnochauvinismo como defesa das soluções tecnológicas, os procedimentos de reconhecimento facial da polícia de Londres, entre 2016 e 2019, e o elogio entusiasmado do então governador João Dória, de São Paulo (SP), a uma tecnologia capaz de “identificar um bandido antes mesmo que cometesse o crime”?

Comparando tais acontecimentos, Tarcízio vai às origens do colonialismo para compreender como a marcação dos escravos por ferro e o uso de lanternas penduradas à volta do pescoço podem ser consideradas a gênese da vigilância e da necropolítica contemporânea.

No embate entre o curandeiro Joaquim Mina e um grupo de escravagistas, em meados do século XVIII, o autor encontra as raízes históricas das diferentes abordagens contemporâneas realizadas pelas equipes de saúde, nas quais a seletividade racial ordena vida e morte. Os processos movidos contra Joaquim Mina por seus algozes ainda podem ser acessados nos arquivos históricos do Museu Regional de São João Del Rei, localizado no estado de Minas Gerais (MG). Seletividade penal racista, encarceramento de massa da população negra e a moldagem de uma imaginação carcerária pela ótica da supremacia branca são outros temas que sustentam o uso da tecnologia como exercício do biopoder destinado a grupos específicos.

Em “Tecnologias são políticas e racializadas”, quinto capítulo, são analisadas as narrativas historicamente construídas em torno dos algoritmos, da inteligência artificial, das tecnologias e dos artefatos. O conceito de *affordance* é apresentado pelo autor para demonstrar como padrões de caça e vestuário foram construídos em torno de sua associação com a necessidade de prover calor, proteção e camuflagem. Apresenta, desse modo, uma defesa de que as tecnologias são políticas e determinam ações, relações e comportamentos. Como ao longo de toda sua obra, os exemplos afloram, é o caso do modelo racializado de distribuição das cidades brasileiras e como são ocupados seus espaços centrais e periféricos mediante critérios baseados em ideologias racistas, como nos incêndios para destruição e ocupação de favelas, visando atender interesses imobiliários.

A temática da saúde retorna no exemplo do espirômetro, instrumento médico de medição da capacidade pulmonar, criado em 1832 com o intuito de defender o condicionamento negro ao trabalho agrícola, sem considerar quaisquer outras variáveis como classe, renda ou histórico nutricional. Em “Fotografia e invisibilidade”, Tarcízio adentra no campo do jornalismo e das tecnologias audiovisuais cujas produções são também historicamente marcadas pela marginalização das minorias. No caso da fotografia esta realidade é reafirmada no exemplo da Kodak, nos anos 1950, ao adotar pioneiramente branco como referencial de produção, revelando uma realidade que antecede os contemporâneos aplicativos de embranquecimento.

No sexto e último capítulo, intitulado: “Reações, remediações e invenções”, são apresentadas as alternativas, os caminhos e as reações em curso. Há uma retomada de pontos anteriores da reflexão: a reprodução e a intensificação maquínica das desigualdades econômicas, políticas e culturais; o aumento da opacidade sobre as relações raciais e as opressões delas decorrentes; o aprofundamento da extração colonial e racializada de dados referentes ao trabalho, na direção Sul-Norte do globo, mas desta vez desbravados como resistência.

O levantamento de relatos, as etnografias e a investigação jornalística, presentes em todo curso do trabalho, são aqui analisados no campo da auditoria e consciência pública, ao lado de sua aplicação em grandes e poderosos sistemas como *International Business Machines* (IBM), Microsoft e Face +. O foco, sempre multidisciplinar, são os caminhos traçados a partir de abordagens computacionais como parte da solução, como diagnóstico e como refutação para além das técnicas de computação.

Ainda no sexto capítulo, a pandemia da Covid-19 aparece em “Foda-se o algoritmo”. A atenção é voltada ao crescimento dos sistemas de gestão algorítmica no vasto espaço conquistado a partir da abertura dada pela pandemia. Foi dado destaque à educação, campo no qual estes sistemas foram transformados em instrumentos de vigilância, fazendo reaparecer o tecnochauvinismo na defesa de uma solução para a necessidade de suspender as atividades. Empresas como a Polaroid e seus laços com o *apartheid*, a ICE e sua perseguição aos imigrantes, a Amazon e seu envolvimento na venda de reconhecimento facial ganham destaque ao lado de grandes protestos públicos, capazes realmente de gerar danos financeiros a esses gigantes empresariais.

A afrodiáspora volta ao centro das análises em “Resistências e reinvenções”, para tratar do apagamento de tecnologias como processo histórico empreendido a favor do Eurocentrismo. Como caminho são apresentadas a reimplementação, a reconcepção e a recriação de Rayvon Fouché, a criatividade tecnológica oriunda de grupos minorizados, capaz de gerar aplicativos como

o navegador experimental *Blackbird* - focado na rejeição da branquitude, e o projeto *White Collar Crime Zones* - capaz de gerar mapas para crimes de colarinho branco.

“Formando novos olhares” traz novamente à cena o assassinato de George Floyd e os grandes protestos que se espalharam pelo mundo após as manifestações do *Black Lives Matter*, em 2020, pressionando para que grandes corporações, como Dell e Microsoft, agissem sobre a questão do racismo estrutural, ainda que o resultado, em um primeiro momento, tenha representado cifras muito aquém de suas escalas bilionárias, um claro sinal de que a luta é contínua, árdua e processual.

Por fim, é uma obra cuja leitura não é apenas importante, mas necessária por sua relevância. Tempos depois de seu lançamento o próprio autor reconheceria isso, concluindo a partir das reflexões de Kabengele Munanga, que o racismo é sim um crime perfeito, por vivermos em uma sociedade racista na qual as pessoas dizem não serem racistas, uma sociedade racista sem racistas. Nesse modelo de sociedade, “Racismo Algoritmo: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais” é essencial porque derruba o mito da neutralidade tecnológica e enfrenta com ousadia, no campo da tecnologia e para além deste, o mito da democracia racial. Talvez poucas tarefas sejam tão essenciais e urgentes na contemporaneidade.

Enviado em: 14/02/2023
Aceito em: 02/06/2023